

A CIDADE REAL E A CIDADE IDEAL NA POESIA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

De Baudelaire a Pessoa ou a Jaime Gil de Biedma o poeta, como disse este último, tem vindo a confundir-se cada vez mais com a cidade, e a poesia tem-se tornado cada vez mais urbana, dando-nos da cidade ou de cidades, como da vida nelas, imagens panorâmicas ou microscópicas, eufóricas ou disfóricas, fascinantes ou apocalípticas, cada vez mais complexas.

O modo como os poetas concebem ou interpretam a cidade é quase sempre coerente com o modo como concebem ou interpretam a vida e a poesia. sDaí que encontremos diferentes visões até da mesma cidade nos diferentes poetas. Mas alguns há que se distinguem pela singularidade da sua visão, ou pelo invulgar fascínio do tema e dos motivos citadinos, ou pela qualidade dos textos que os veiculam. É o caso de João Cabral de Melo Neto.

Na obra cabralina encontramos muitos poemas de incidência urbana, marcados até por topónimos que dizem respeito não só ao Brasil, especialmente ao Nordeste (Recife, Olinda, Caruaru, Maceió, Campina Grande, Natal, Juazeiro, Itaperuna, Campos, Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, S.Paulo, etc.), mas também a outros países da América (Quito, Tegucigalpa...), da África (Bissau, Dacar, Conacri, Fez, Marraquexe...), ou da Europa: de Portugal (Lisboa, Porto), da Inglaterra (Londres), da Irlanda (Dublin), da França (Paris, Nice, Marselha), da Suíça (Berna), da (antiga) Grécia (Tebas) e, sobretudo, da Espanha (Madrid, Barcelona, Sevilha, Cádiz, Córdoba, Málaga, Terragona, Alicante, Valência, Guadalajara, Medinaceli...).

Nalgumas destas cidades viveu o Poeta, cumprindo funções diplomáticas (Barcelona, Sevilha, Madrid, Londres, Marselha, Berna, Dacar, Quito, Tegucigalpa, Porto); no entanto, são quase sempre episódicas as referências que lhes faz; e há cidades onde também cumpriu funções diplomáticas (Genebra, Assunção) que não lhe mereceram qualquer alusão. Pelo contrário, a sua poesia distingue muito especialmente a cidade do Recife, onde se diz geralmente que nasceu, embora haja

quem defenda que nasceu em Carpina¹, a 50 Km da capital pernambucana, ou onde viveu as primeiras duas décadas da sua vida, e a cidade de Sevilha, onde trabalhou ao longo de duas temporadas (1956-1958 e 1962-1964), embora diga no poema “Presença de Sevilha”: “Cantei mal teu ser e teu canto / enquanto te estive, dez anos”² (verso que reproduz, com uma variante sintáctica, em “O *aire* de Sevilha”:³ “Mal cantei teu ser e teu canto”...³).

O topónimo Recife aparece pela primeira vez na poesia cabralina em 1943, num poema dedicado ao poeta recifense Joaquim Cardoso. Nesse poema, que viria a integrar o segundo livro do poeta – *O Engenheiro* (1945) —, o topónimo “Recife” aparece associado ao correspondente nome comum em versão oral ou popular (“arrecifes”) e ao seu referente marítimo: “aflorada no mar”, “marés, maresias”:

*a cidade que não consegues
esquecer
aflorada no mar: Recife,
arrecifes, marés, maresia.*⁴

Como disse de Joaquim Cardoso, um dos seus primeiros mestres e grandes amigos, João Cabral não mais esqueceria a sua cidade, que se tornaria personagem principal de alguns dos seus livros (*O Cão sem Plumas*, *O Rio*, *Paisagem com Figuras*, *Morte e Vida Severina*, *Auto do Frade*), e que entraria em muitos poemas dos últimos livros do Poeta. Mas para isso também foi determinante um facto a que João Cabral aludiu por diversas vezes: quando, na segunda metade da década de 40, trabalhava em Barcelona, sofreu um abalo psíquico ao ler na revista *Observador Económico e Financeiro do Brasil* um artigo que dizia que a expectativa de vida individual na Índia era de 29 anos e no Recife de 28⁵.

Nalguns dos seus livros, como *Quaderna*, *Agrestes*, e *Crime da Calle Relator*, João Cabral cruza as referências ao Recife com as referências a Sevilha, chegando as duas cidades a confundir-se; mas no último livro que publicou, *Sevilha Andando*

¹ V. “Anexos” I e II da tese de doutoramento de Lucila Nogueira *O Cordão Encarnado* apresentada em 2002 à Universidade Federal de Pernambuco. Note-se entretanto que no poema “Autobiografia de um só dia”, de *A Escola das Facas*, João Cabral garante que não nasceu no Engenho Poço (não fala em Carpina), e que sua mãe veio para a (rua da) Jaqueira, no Recife, para o dar à luz.

² *Obra Completa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1994, p.651.

³ *Id.*, p.649.

⁴ *Id.*, p.80.

⁵ O biógrafo José Castello refere-se a este facto no seu *João Cabral de Mello Neto – O Homem sem Alma*, Rio de Janeiro, Rocco, 1996, p.100.

(1990), a cidade andaluza é vista com autonomia ou exclusividade, não desmentida por alusões pontuais a Córdova, a Cádiz, a Pernambuco e ao Porto.

O nome “Sevilha”, em que, curiosamente, há um eco de “vila” ou “ville”, usou-o João Cabral pela primeira vez num poema – e no título de um poema – do livro *Quaderna*, publicado em Lisboa em 1960. Poema emblemático, dá de Sevilha uma imagem a que seriam fiéis as referências futuras:

*A cidade mais bem cortada
que vi, Sevilha;
cidade que veste o homem
sob medida.*⁶

Muitos anos depois, em *Sevilha Andando*, o Poeta diria que

*Sevilha é a única cidade
que soube crescer sem matar-se*⁷

e apresenta-a mesmo como modelo universal de cidade: “Como é impossível, por enquanto, /civilizar toda a terra”, dever-se-ia “sevilhizar o mundo”, “infundir na terra esse alerta, / fazê-la uma enorme Sevilha”⁸.

Foi exactamente pouco antes de João Cabral partir de Sevilha que esta cidade entrou na sua poesia, tal como o Recife entrou nela quando o Poeta foi para o Rio de Janeiro. Estes dados podem sugerir a importância da memória na poesia cabralina, ou podem ajudar a perceber o que há nela de elaboração mental, conceptual e relacional:

*Já para encontrar Pernambuco
O melhor é fechar os olhos
e buscar na lembrança
o diamante ilusório.*

...

*até aquilo que, por primeiro
se apagar, ficou mais oculto:
o homem, que é o núcleo
do núcleo de seu núcleo.*⁹

⁶ *Op. cit.*, p.252.

⁷ *Id.*, p.679.

⁸ *Id.*, p.663.

⁹ *Id.*, p.233.

*

*Passeando presente dela
 pelas ruas de Sevilha,
 imaginou injectar-se
 lembranças, como vacina,

 para quando fosse dali
 poder voltar à habitá-las,
 uma e outras, e duplamente,
 a mulher, ruas e praças.¹⁰*

No entanto, dir-se-ia que João Cabral fala sempre em directo das cidades de que fala, e que gosta de “dar a ver”, “dar a se ver”¹¹. O que não espanta quando se pensa no seu gosto visual ou plástico, denunciado também no seu ensaio sobre Miró, nas homenagens poéticas que prestou a pintores como Mondrian e Dubuffet, a arquitectos como Corbusier e Oscar Niemeyer, e até na frequência do seu léxico concreto, ou na sua preferência por estruturas geométricas, assinaladas por Danilo Lobo.¹²

A análise dos vários aspectos do “primado da visualidade”¹³ ou tão só do tema citadino na poesia cabralina exigiria um longo tratado. Limitar-nos-emos, pois, a alguns tópicos, que evidenciam as teorias urbanas do Poeta.

1 – Recife e Sevilha são de longe as cidades que mais comparecem na poesia de João Cabral. Cidades “de onde veio” e do “aonde foi”¹⁴, vistas às vezes como englobantes (de bairros, rios, cemitérios, pessoas), outras vezes como englobados (de Pernambuco ou da Andaluzia), elas são mais do que marcos na história do Poeta, já que em sua opinião se distinguem nitidamente na geografia e na história do planeta, sendo por isso dignas da celebração poética que as tornará ainda mais visíveis. Mas essa celebração transforma-as também em símbolos ou exemplos de “origem” e “destino” e de “estados de ser”: o Recife impõe-se sobretudo como lugar de vida difícil (severina), de limite dos sentidos (nos dois sentidos), favorável

¹⁰ *Id.*, p.401.

¹¹ *Id.*, p.629.

¹² *O Poema e o Quadro*, Brasília, Thesaurus Editora, 1981.

¹³ Antônio Carlos Secchin, *João Cabral: a Poesia do Menos*, S.Paulo, Duas Cidades / Brasília, INL, 1985, p.17.

¹⁴ *Op. cit.*, p. 456.

ao pessimismo, e Sevilha como lugar de vida alegre, de exacerbamento dos sentidos, favorável ao optimismo. Por vezes, porém, pode acontecer o contrário, e as duas cidades como que permutam de face ou de funções, tornando-se ambigualmente mais eufóricas ou mais disfóricas.

2 – Os lugares repetem-se, “as cidades se parecem” por alguns aspectos¹⁵: em Sevilha pode o Poeta deparar com “a praia de pesca do Pina”; numa rua do Porto pode ver “uma mulher de andar sevilha”; em Bissau pode desabafar: “já naço o ar Recife”; e em Chelsea pode ver “as janelas do cais da Aurora”. Qualquer cidade pode lembrar a cidade matricial: “todas lembravam o Recife, / este em todas se situa”.¹⁶ E não será incorrecto usar no plural e com minúsculas os nomes “lisboas, madriids, paris”¹⁷. O que importa é surpreender a repetição essencial na diferença secundária, ou a diferença essencial na repetição secundária. O que importa é pegar nas duas pontas opostas do “simile ambíguo” que é cada cidade.

3 – Ao contrário de outros poetas, João Cabral não evidencia nenhum fascínio ou nenhuma obsessão pelas grandes cidades ou pelas cidades capitais; brasileiro, ele quase ignora uma cidade como S.Paulo, que, salvo erro, só é citada num poema (“Conversa em Londres, 1952”), e quase só toponimicamente (e, num caso ou dois, ironicamente) refere o Rio de Janeiro, onde por sinal viveu de 1942 a 1947 e de 1987 até à morte.

4 – Sendo extraordinariamente sensível aos valores plásticos, urbanísticos ou arquitectónicos, João Cabral tem um total desprezo pela monumentalidade das cidades ou pelos lugares (comuns) turísticos. Os seus poemas definem-no mesmo como anti-turista, ou como “inturista” (o neologismo é dele), até porque, de acordo com o que também disse de Joaquim Cardoso, nas cidades, “não caminhou guias, programas:/ viveu-as de dentro, habitante”¹⁸:

*Nada há em volta que me lembre
a Sevilha cartão-postal,
a que é turístico-anedótica,
a que é museu e catedral.*¹⁹

5 – O que à primeira vista a poesia cabralina valoriza nas cidades é a sua exterioridade – as pessoas, as fachadas, os telhados, as ruas, as pedras, os rios, o ar,

¹⁵ *Id.*, p.164.

¹⁶ *Id.*, p.165.

¹⁷ *Id.*, p.450.

¹⁸ *Id.*, *ibid.*.

¹⁹ *Id.*, p.644.

o sol, a luz. Mas logo nos damos conta de que essa exterioridade não se dá como simples descrição ou *décor*, porque é como regra suporte ou metáfora da interioridade, que ela substitui ou cobre menos por pudor do que por rigor e por convite ou desafio à decifração intimista. Em Brasília, uma mineira “guarda no jeito o feminino / e o envolvimento de alpendre de Minas”²⁰; há uma Sevilha “que dá às sevilhanas / lições de Sevilha, de fora”²¹, como há uma Andaluzia “que se expressa por fora ou é dentro”²²; e qualquer sevilhano “usa Sevilha / com intimidade, / como se só fosse a casa / que ele habitasse. / Com intimidade ele usa / ruas e praças” /.../ como um corpo que se usa / pelo interior”²³.

6 – A cidade é frequentemente personificada e sexualizada. E assume quase sempre as formas ou as funções femininas: Olinda ou as suas igrejas, por exemplo, têm “úteros matriarcais / e bacias maternas” e casas com as quais o visitante se casa “ou se amanceba”²⁴; Sevilha é e lembra uma mulher, “campista” e não só, é e lembra Sevilha, que tem “praças fêmeas e recônditas”²⁵ e que “tem o clima que é mister / à mulher para ser mais mulher”²⁶. Já o Recife, que faz parte de um Pernambuco “tão masculino”²⁷, se impõe como regra, e talvez com a ajuda do determinante, pelas formas e funções masculinas: “O mar e os rios do Recife / são touros de índole distinta”²⁸.

7 – Nas cidades contam muito os elementos naturais, materiais ou físicos: da antiga Tebas da “Fábula de Anfion”²⁹ o poeta referia a terra, a argila, a flora, a hera, os tijolos..., do Recife pode referir o mar, rios, árvores, bairros, ruas, cais, casas ou casarões... Mas nas cidades há sempre “nativos”, “gente”, habitante ou visitante, e sua “linguagem”, sua “moral”, seu “tempo”³⁰. A que João Cabral mais vê é a gente humilde, severinos de variada espécie, embora veja com alguma frequência – e frequentemente com ironia – os burgueses ou os aristocratas decadentes. Mas também dedica especial atenção aos artistas, sejam eles escritores, pintores, arquitectos, sejam bailadores andaluzes ou poetas de cordel nordestinos.

8 – Pode e deve conhecer-se uma cidade de diversos modos, mas nunca parado. A cidade exige deslocação – a pé, a cavalo, de carro e até de avião, como num poema

²⁰ *Id.*, p.343.

²¹ *Id.*, p.644.

²² *Id.*, p.640.

²³ *Id.*, p.253.

²⁴ *Id.*, p.431.

²⁵ *Id.*, p.637.

²⁶ *Id.*, p.635.

²⁷ *Id.*, p.432.

²⁸ *Id.*, p.386.

²⁹ *Id.*, p.91.

³⁰ *Id.*, p.394.

de *Quaderna*, em que a imagem ou a visão do Recife vai mudando à medida que um avião vai subindo e se afastando; a cidade não parece a mesma vista de dentro ou de fora, de perto ou de longe, horizontalmente ou em “plongée”, ao vivo ou quando desapareceu como em *fade out*, do campo visual, e só a memória a reconstitui.

9 – Como dizia Italo Calvino, não se deve confundir uma cidade com o discurso sobre ela. Mas pode haver uma relação forte, mesmo de contágio ou de homologia, entre esse discurso e o seu referente. Aliás, a cidade só se dá (a conhecer) como um texto ou um discurso que exige leitura ou percurso. E também essa relação pode ser fortíssima: uma cidade pode fazer o seu habitante (o seu intérprete, o seu leitor), e o seu habitante pode fazer a cidade:

*Certos autores são capazes
de criar o espaço onde se pode
habitar muitas horas boas:
um espaço-tempo, como o bosque.*

...
*até o ponto em que ler ser lido
é já impossível de mapear-se:
se lê ou se habita Alberti ?
se habita ou soletra Cádiz ?³¹*

10 – As cidades cabralinas não se parecem com cidades “frementes” do modernismo ou do futurismo, mas também não se parecem com cidades terríveis ou terríficas do pós-modernismo. Nas suas diferenças, aparecem quase sempre como espaços idênticos e tensos, que exigem ação e transformação, desconstrução e reconstrução, e como espaços enigmáticos, que exigem a decifração, não propriamente a exaltação ou a condenação. João Cabral mostra-se sempre atento às duplicidades das cidades, que mais não sejam as que se jogam na relação fora/dentro. E no Recife, onde surpreende uma “dupla febre” e várias espécies de chuva, ele pode mesmo distinguir uma cidade do “avesso” e uma cidade que se sobrepõe a outra:

*/.../esta cidade
que vim encontrar sob o Recife.³²*

*daquela cidade anfíbia
que existe por debaixo
do Recife contado em Guias.³³*

³¹ *Id.*, p.558.

³² *Id.*, p.141.

³³ *Id.*, p. 138.

Mas, se o Poeta se empenhado tanto na observação rigorosa ou profunda da cidade real, é porque nunca deixa de ver ou de imaginar a cidade ideal.

11 – João Cabral não se indigna, como tantos intelectuais modernos, com ou contra a cidade³⁴; e até aprecia uma cidade recente como Brasília, onde aliás viu surpreendentemente semelhanças com as cidades ou casas mineiras e nordestinas:

*No cimento de Brasília se resguardam
maneiras de casa antiga de fazenda,
de copiar, de casa-grande de engenho*³⁵

Ao contrário de seu parente, amigo e conterrâneo Manuel Bandeira, o poeta de *Agrestes* não lamenta as mudanças da sua cidade natal, não revela nenhuma nostalgia pelo que dela ou de outra perdeu ou se perdeu. Quando muito descreve-a para a dar a ver aos que a não puderam habitar; e, pelo contrário, saúda o “novo Recife”³⁶ e evidencia preocupações com o seu futuro:

*Como será o Recife
que será?*

...
*Quem sabe um dia virá
uma civil geometria?*³⁷

12 – Na literatura ou na poesia das últimas décadas, como sugerem obras como a de Marshall Berman *All That Is Solid Melts into Air*³⁸ (1982), parece ser recorrente a imagem da cidade infernal, apocalíptica, caótica. A poesia de João Cabral afasta-se dessa imagem, embora sem lhe opor a de uma cidade edênica, ecológica, utópica. Não ignorando o inferno das sociedades modernas, sobretudo as mais pobres, ele recusa-se a alinhar com os neonaturalistas e com os profetas das grandes catástrofes ou hecatombes, preferindo “dar a ver” selectivamente a realidade urbana da sua experiência, com discreta mas porfiada confiança na possibilidade de melhorar e harmonizar espaços, formas, comunidades, vidas. Na sua obra deparamos portanto com cidades “reais”, que, conhecidas ou reconhecidas, e

³⁴ V. Morton e Lucia White, *El Intelectual contra la Ciudad*, Buenos Aires, Ediciones Infinito, 1967 (trad. de *The Intellectual versus the City*, 1962).

³⁵ *Op. cit.*, p.343 e p.399.

³⁶ *Id.*, p.449.

³⁷ *Id.*, p. 492.

³⁸ Trad. brasileira: *Tudo que é Sólido Desmacha no Ar*, S. Paulo, Companhia das Letras, 1987.

trabalhadas com atenção e sensibilidade, podem converter-se em cidades “ideais”, em cidades onde impera a solidariedade, a justiça, a arte, a harmonia:

*conto com que todo esse progresso
que derruba o onde fui (se ainda levo)*

*faça mais fácil o mão-a-mão
de mão a mão distribuir o pão³⁹*

A sua obra densa, rigorosa, geométrica, mais do que contributo para a instauração de uma “civil geometria” ou para a construção da cidade ideal, pode valer logo como imagem antecipada ou homóloga de uma e outra. A sua poesia equivale portanto à casa de que João Cabral falou em homenagem a Marianne Moore (que nós podemos converter também em homenagem ao seu autor):

*que a poesia não é de dentro,
que é como casa, que é de fora;
que embora se viva de dentro
se há-de construir, que é uma coisa
que quem faz faz para fazer-se
—muleta para a perna coxa.⁴⁰*

Na verdade, a construção da cidade ideal só se pode fazer a partir da cidade real, e não pode dispensar as casas da criação artística, sobretudo quando esta é tão sólida (tão genial) como a de João Cabral de Melo Neto*.

Arnaldo Saraiva

³⁹ *Op. cit.*, p.449.

⁴⁰ *Id.*, p.558.

* NB – Este texto, com ligeiras variantes, foi lido em 31 de Maio de 1995 na Universidade de Salamanca, por ocasião da homenagem que esta Universidade e o Património Nacional espanhol prestaram ao Poeta depois de lhe ter sido concedido o III Prémio Rainha Sofia da Poesia; e foi também lido noutra homenagem que ao Poeta prestou a União Brasileira de Escritores – Secção Pernambuco no dia 22 de Maio de 2002. Mas o autor teve a oportunidade de o ler ao próprio João Cabral de Melo Neto, em sua casa do Flamengo, no dia 23 de Junho de 1995. No final da leitura, o Poeta parecia muito surpreendido, tendo feito o seguinte comentário: “Puxa, nunca me tinha dado conta de que a minha poesia se preocupava tanto com as cidades. Eu até pensava que não gostava de cidades, que só só gostava do Recife e de Sevilha”. (Veja-se a propósito o que diz José Castello, certamente reproduzindo o que João Cabral lhe tinha dito: “Tem o sonho vago de ser agrônomo, profissão que pode carregá-lo para fora das cidades, de que pensa não gostar” – *Op. cit.*, p.43). No exemplar da sua *Obra Completa* que nesse dia me ofereceu escreveu, já com a letra tremida, a seguinte dedicatória: “Ao caro Arnaldo Saraiva, que sabe mais sobre esta poesia do que o autor, com a amizade João Cabral de Melo Neto”